



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
CURSO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES
INTERNACIONAIS

RENALLY DA SILVA GOMES

CINEMA CONTEMPORÂNEO:
A SÉTIMA ARTE COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DA
INTERCULTURALIDADE

JOÃO PESSOA

2023

RENALLY DA SILVA GOMES

**Cinema contemporâneo: a sétima arte como instrumento de
promoção da interculturalidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Campus I, João Pessoa–PB, em cumprimento às exigências para a obtenção do Grau de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Alyanne de Freitas Chacon

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633c Gomes, Renally da Silva.

Cinema contemporâneo: a sétima arte como instrumento de promoção da interculturalidade / Renally da Silva Gomes. - João Pessoa, 2023.

21 f. : il.

Orientador: Alyanne de Freitas Chacon.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2023.

1. Interculturalidade. 2. Cinema. 3. Globalização.
4. Cultura. I. Chacon, Alyanne de Freitas. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 791

CINEMA CONTEMPORÂNEO: A SÉTIMA ARTE COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DA INTERCULTURALIDADE

Renally da Silva Gomes

Resumo

Este artigo se dedica a analisar de que forma podemos ver a interculturalidade sendo expressa através das produções cinematográficas. Para isso, a partir de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fazemos uma breve contextualização da globalização, com base na literatura de Giddens (2006), assim como da história do cinema, com a contribuição de Mascarello (2006) e, ainda, da compreensão de interculturalidade que é trabalhada pelo autor Canclini (2009). Realizamos também a análise de três filmes que apresentam uma temática intercultural, pois reproduzem tanto as hostilidades quanto as contribuições sociais decorrentes do contato entre culturas distintas. Chegamos ao entendimento de que o cinema é uma arte capaz de atuar nos espaços intermediários da sociedade, possibilitando conexões entre diferentes grupos, além de reflexões tanto a respeito da cultura do outro, quanto sobre a nossa própria realidade.

Palavras-chave: Interculturalidade. Cinema. Globalização. Cultura.

Abstract

This article analyzes how we can see interculturality being expressed through film productions. To do this, based on a qualitative bibliographic research approach, we provide a brief contextualization of globalization, drawing on Giddens literature (2006), as well as the history of cinema, with the contribution of Mascarello (2006), and the understanding of interculturality sustained by the author Canclini (2009). We also review three films that address an intercultural theme, as they reproduce both hostilities and social contributions resulting from contact between different cultures. We arrive at the understanding of cinema as an art capable of operating in the intermediate spaces of society, enabling connections between different groups, as well as reflections on both the culture of others and our own reality.

Key-words: Interculturality. Cinema. Globalization. Culture.

1 INTRODUÇÃO

A evolução da tecnologia em escala mundial possibilitou uma conexão simultânea entre diferentes partes do mundo, e a compreensão de tal processo é essencial para que se entenda a interculturalidade vivenciada atualmente. Como bem colocou Néstor Garcia Canclini (2009, p. 17), “Confrontamo-nos diariamente com uma interculturalidade de poucos limites, frequentemente agressiva, que supera as instituições materiais e mentais destinadas a contê-la”. A globalização, fenômeno frequentemente citado pelos veículos de comunicação e objeto de estudo nos espaços acadêmicos, é a grande responsável pelo declínio dessas barreiras citado pelo autor.

Uma indústria que passou a contribuir fortemente para o cenário apresentado acima foi a do cinema. Enquanto produtora de uma forma particular de espetáculo, ela gera no imaginário do seu público uma maior consciência das diferenças e, portanto, se configura cada vez mais como uma porta de acesso à cultura do outro. Inicialmente, não contava com a estrutura industrial dos dias de hoje, e precisou enfrentar grandes transformações ao longo do século XX para alcançar o formato atual, mas já havia um árduo trabalho de compilação de técnicas para criar no telespectador a ilusão de que ele estava diante de algo real.

Diante disso, podemos refletir sobre como a imagem parece sempre ter exercido uma forte influência sobre as pessoas. Para entender melhor tal fenômeno, basta parar e pensar sobre o efeito causado em nós ao olhar para uma pintura ou uma fotografia, por exemplo. Tais objetos tendem a chamar nossa atenção com muito mais facilidade do que um simples texto, cujas linhas, por vezes, parecem embaralhar-se diante dos nossos olhos.

O ponto é que esse panorama pode nos ajudar a enxergar o audiovisual como uma ferramenta que possibilite trabalhar tanto os contrastes quanto as similaridades dentro de sociedades com relações que estão cada vez mais amarradas. E visto que o cinema parece assumir, na contemporaneidade, um importante papel de estímulo a essas interações entre públicos de diferentes origens, nosso principal objetivo, através deste trabalho, é analisar como acontece a expressão da interculturalidade através dessa arte.

Para isso, como objetivos específicos, buscamos nos aprofundar em dois principais aspectos: de que forma o cinema pode facilitar o nosso caminho até uma outra cultura, e como ele poderia contribuir para transformar a visão de mundo do graduando em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI), isto é, sua compreensão da diversidade cultural existente. Este último, levando em conta que os conhecimentos obtidos por

meio de filmes interculturais ao longo do percurso acadêmico podem ser muito importantes tanto para a formação pessoal quanto profissional do estudante. Adiante, explicamos o que entendemos como filmes interculturais.

Esta pesquisa é de natureza básica e foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa. Quanto aos objetivos, apresentam caráter exploratório, com o intuito de analisar, interpretar as informações coletadas sobre o objeto estudado e “aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 187). Trata-se de um trabalho bibliográfico, que utilizou-se, sobretudo, de artigos para o seu desenvolvimento, mas que conta, ainda, com livros e filmes em suas referências.

Para desenvolvermos o estudo proposto neste artigo, consideramos importante esclarecer alguns subtemas aqui trabalhados. Dessa forma, buscamos, primeiramente, entender o processo da globalização, visto que ele foi um elemento chave para o movimento de aproximação entre as culturas, sobretudo a partir da década de 1960. Com o aporte da literatura de Giddens (2006) e de Canclini (2009), refletimos sobre a conexão entre a evolução de tal fenômeno e a diversificação das influências midiáticas por todo o globo.

Em seguida, nos aprofundamos no conceito de interculturalidade partindo da visão de alguns estudiosos do tema. Nossos principais objetivos foram dois: reconhecer os elementos envolvidos nas trocas interculturais e apontar o cinema como um instrumento de análise da interação entre grupos de diferentes origens. Trouxemos, ainda, um apanhado da história da indústria cinematográfica, refletindo sobre as mudanças vivenciadas ao longo dos seus primeiros anos que a levou a alcançar o formato dos dias de hoje.

Por fim, através da análise de três filmes, buscamos entender quais as contribuições trazidas pela sétima arte tanto para a sociedade, de maneira geral, quanto para o estudante de LEA-NI, no desenvolvimento de uma melhor compreensão da cultura do outro e também do seu próprio entorno.

2 GLOBALIZAÇÃO

Entendemos a globalização como “uma rede complexa de processos” que estimulam o desenvolvimento e a interação da sociedade mundial de forma acelerada e constante. Apesar disso, sabemos que o conhecimento e as tecnologias mais modernas não chegam a todos os públicos de forma igualitária. Giddens (2006, p. 25) afirma que “a globalização não está a evoluir de forma imparcial, e as suas consequências não são totalmente benignas.” Por esse

motivo, por mais que nós nos proponhamos a falar sobre “conexões globais” e “interculturalidade”, deixamos claro nossa compreensão de que essa não é a realidade de todos.

Para além de sua natureza econômica, o autor define a globalização como política, tecnológica e cultural. Aqui, suas ideias se cruzam com as de Canclini, visto que ambos ressaltam a influência exercida pelos sistemas de comunicação sobre o fenômeno então estudado. Ao trabalhar o conceito de sujeitos interculturais em sua obra intitulada *Diferentes, desiguais e desconectados*, Canclini (2009) cita a globalização tecnológica como um dos principais meios causadores da pluralidade de influências identitárias sobre o indivíduo pós-moderno.

Dessa forma, ao considerar o fluxo internacional de informações, assim como o intercâmbio de símbolos e modelos comportamentais que são viabilizados pela indústria cultural, parece-nos quase impossível desenvolver-nos socialmente envolto unicamente em nossa cultura local, visto que a diversidade existente no mundo adentra de maneira cada vez mais natural em nosso cotidiano.

Certamente que a velocidade com que essas informações percorrem o globo é extremamente elevada para conseguir cobrir toda a sua extensão. E essa realidade, de comandos e respostas imediatas, parece ter sido a origem de gerações que não são fruto de um único grupo identitário, mas da mistura resultante do contato viabilizado pela comunicação globalizada. Afinal, podemos entender a globalização “no sentido da globalidade de uma ação ou de um processo, ou seja, a sua realização ou a sua vivência simultânea em múltiplos pontos do espaço” (ELHAJJI, 2005, p. 5).

Por fim, é importante ressaltar que ao nos referirmos ao contato promovido entre culturas distintas, estamos falando de uma das consequências estruturais do fenômeno globalização. O próprio Giddens afirmou que “quando a imagem de Nelson Mandela nos pode ser mais familiar do que a do vizinho que mora na porta ao lado da nossa, é porque qualquer coisa mudou na nossa vida corrente” (2006, p. 23). Entretanto, esse contato nem sempre se dá de forma direta; aqui, por exemplo, detemo-nos a falar das representações à que temos acesso por intermédio dos meios de comunicação, mais especificamente, o cinema.

3 INTERCULTURALIDADE

O antropólogo Canclini nos explica que “a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas” (2009, p. 17). O conceito se torna mais claro, e também mais complexo, à medida que entendemos que

não podemos aceitá-lo apenas sob a forma de uma simples conceptualização, haja vista que ele abarca um conjunto de processos vivenciados no dia a dia das sociedades. A dinâmica do mundo contemporâneo parece nos levar em direção ao outro de tantas maneiras que consideramos urgente a tarefa de familiarizar-nos com esta ideia.

Seja no ambiente macro ou micro social, quase sempre estamos em interação com pessoas, objetos ou símbolos provenientes de outros locais. E é por isso que falar de interculturalidade nos leva a discutir, conseqüentemente, a globalização, pois tal fenômeno foi o grande responsável por criar essa interdependência mundial e estimular uma movimentação contínua entre grupos distintos. Mas acreditamos que essa vertente já foi suficientemente trabalhada na seção anterior.

Todavia, propomo-nos a enxergar a interculturalidade como um espaço intermediário, propício para diálogos, trocas e conflitos. Nele, nenhum dos lados pode reivindicar por mais espaço, pois não há a supervalorização de uma cultura em detrimento da outra. María Laura Méndez (2013), por exemplo, afirma que:

O conceito representa um diálogo em imanência, em paridade, um diálogo de confiança, criando uma estética de muitas vozes que falam e conversam, se sucedem, se contradizem, e às vezes, também se interrompem. Esse diálogo tem que ser posto em prática, para ter as ideias encarnadas, fazendo-se presentes na pluralidade de pontos de vista, sem que nenhum prevaleça sobre o outro (APUD WEISSMANN, p. 7, 2018).

À medida que dialogamos com o outro, nos conectamos e nos tornamos mais interculturais. O contato parece ser um impulso natural do ser humano, e a comunicação assume diferentes formatos para pavimentar as possíveis vias que nos levem ao outro. Mas, afinal, que diálogos são esses? O que estamos comunicando? O que cada ser humano carrega consigo que pode gerar trocas tão ricas, mas também tantos conflitos?

Estamos comunicando aquilo que pode tanto garantir o nosso senso de pertencimento a um grupo quanto a nossa individualidade, ou seja, a cultura. Para Linton (1947, p. 21), “*A culture is the configuration of learned behaviour and results of behaviour whose component elements are shared and transmitted by the members of a particular society*”¹. Já Hall (2006, p. 50), ao trabalhar sobre a identidade cultural, afirma que “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.”

¹ “Cultura é a configuração de comportamentos aprendidos, cujos componentes são compartilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade específica” (LINTON, 1947, p. 21, tradução nossa).

De fato, não são poucos os estudos sobre este tema, muito menos as tentativas de defini-lo da maneira mais completa possível. A nosso ver, a cultura é o conjunto de conhecimentos que é produzido, internalizado e transmitido por uma sociedade ao longo do tempo, de forma consciente ou não. Como complemento, trazemos também a fala de Ramos, para quem a cultura é, além de tudo, algo indissociável do indivíduo:

O ser humano é um ser de cultura. Uma parte essencial do que caracteriza o ser humano é conservado e transmitido pelo grupo social e cultural, podendo falar-se de uma “herança” social e cultural, não se resumindo esta “herança” apenas às informações, aos actos, aos comportamentos, mas situando-se igualmente ao nível dos símbolos e das representações (p. 8, 2001).

Além disso, nesse contexto, consideramos importante refletir sobre o fato de que a sociedade mundial vive em meio a um pluralismo cultural que afeta suas diferentes esferas, dentre as quais: comunicativa, econômica e educacional. Sendo tal diversidade também promotora das trocas e dos diálogos aos quais nos referimos tão frequentemente neste trabalho. Todavia, justamente porque a ideia de diversidade nos parece ser quase sempre tratada com certa ingenuidade, quando, na verdade, trata-se de algo bastante conflituoso, consideramos essencial para nossa discussão, esclarecer também o conceito de multiculturalidade.

De acordo com Canclini (2009), a multiculturalidade refere-se à coexistência de múltiplas culturas que aceitam o outro, o diferente. Entende-se que há a preservação da individualidade de cada grupo, sem estimulá-los a entrar em contato, quase como uma segregação. Em contrapartida, a interculturalidade, como já dito anteriormente, pressupõe que essas diferentes culturas estão convivendo em relações de empréstimo recíproco, de negociação e de conflito.

Assim, entendemos que as interações sociais podem assumir diferentes formatos e, conseqüentemente, viabilizar a compreensão do outro, também em níveis distintos. Desse modo, no que tange ao processo de conhecimento de outras culturas, trazemos o cinema para a discussão, como objeto de análise, haja vista que o enxergamos como uma via de acesso a uma infinidade de lugares, povos, e costumes. Entendemos a sala de projeção como um espaço propício para o encontro com o outro e consigo mesmo, como um lugar para reflexões, questionamentos e descobertas.

Como bem colocou Ramos (1988), “O filme constitui um método científico para estudar, observar, analisar, de forma ordenada, rigorosa, repetida, diferida, minuciosa, o Homem, os seus comportamentos, as suas actividades, as suas formas de comunicar e as relações que estabelece com o seu meio” (APUD RAMOS, p. 10, 2001). Ele é, portanto, uma

excelente ferramenta para a observação e compreensão de outros grupos, além de ser um meio para a expressão da diversidade cultural.

No caso de filmes com uma temática intercultural, produções como *Babel* (2006), *Luta de Classes* (2019) e *A 100 Passos de Um Sonho* (2014) são exemplos por se tratarem de filmes nos quais é possível observarmos culturas distintas interagirem e entrarem em conflito, o que permite ao telespectador colocar em perspectiva diferentes opiniões e vivências, e o que também possibilita a construção de novas relações e diálogos com a audiência.

Por fim, é comum, em um primeiro momento, considerar a interculturalidade como um conceito bastante abstrato. Porém, após as considerações feitas, entendemos que podemos vê-la até mesmo nas interações do nosso cotidiano e que, de fato, as histórias contadas pelas telas de cinema refletem aquilo que acontece no ordinário das nossas vidas. Claramente, falamos de versões, quase sempre, melhoradas de uma determinada realidade, tudo para dar vida à imaginação do telespectador; afinal, de outro modo não seria cinema.

4 CINEMA

Parece tão verdadeiro – embora a gente saiba que é de mentira – que dá para fazer de conta, enquanto dura o filme, que é de verdade. Um pouco como num sonho: O que a gente vê e faz num sonho não é real, mas isso só sabemos depois, quando acordamos. [...] Essa ilusão de verdade, que se chama *impressão de realidade*, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema (BERNARDET, 1980, p. 125).

O cinema é um meio de comunicação audiovisual por utilizar-se das linguagens visual e sonora simultaneamente. Seu início, marcado por muitas mudanças, é comumente atribuído aos irmãos Louis e Auguste Lumière devido à famosa demonstração pública e paga de sua invenção, o cinematógrafo, em 28 de dezembro de 1895, no *Grand Café* de Paris. Entretanto, a verdade é que não houve um único responsável pela sua criação, pois o cinema foi fruto de uma série de trabalhos que vinham sendo desenvolvidos, à época, com o objetivo de alcançar a projeção da imagem em movimento.

Acontece que entre os anos de 1893 e 1895, vários inventores buscavam construir um aparato que fosse capaz de realizar tal feito, dentre os quais também estavam o empresário Thomas Edison (1847-1931) e os irmãos Max (1863-1939) e Emil (1859-1945) Skladanowsky. Estes, por exemplo, chegaram a também fazer uma exibição pública do seu sistema de projeção de filmes antes mesmo dos irmãos Lumière. Todavia, não há dúvidas de que os Lumière foram

os que melhor souberam comercializar sua invenção e, por isso, conseguiram deixar o seu nome tão ligado à história do cinema.

Como citado anteriormente, seus primeiros anos foram marcados por grandes transformações. No início, as exhibições aconteciam nos *Grand Cafés* ou nos *Vaudevilles*, também conhecidos como teatros de variedades, e disputavam a atenção do público juntamente com as apresentações de lanterna mágica, acrobacias, encenações dramáticas, exibição de animais amestrados e declamações de poesias. Importante enfatizar que os primeiros filmes eram bastante curtos, as narrativas eram bem simples, e a falta de conexão entre os planos parecia ser agravada pela elevada autonomia que os exibidores possuíam na reprodução dos filmes. Isto é, talvez o produto final não fosse o mesmo para todo telespectador.

Com o passar das décadas, grandes empresários do entretenimento foram se interessando pela atividade cinematográfica e decidiram investir em espaços maiores para a exibição exclusiva dos filmes. É neste ponto que os *Vaudevilles* são substituídos pelos *Nickelodeons*, os quais, apesar de não fornecerem uma estrutura muito confortável, são bem maiores e, financeiramente, mais acessíveis para a população de baixo poder aquisitivo. Assim, o surgimento desses novos espaços destinados às sessões de cinema passam a marcar “o início de uma atividade cinematográfica verdadeiramente industrial” (MASCARELLO, 2006, p. 27).

Aos poucos os filmes também foram ganhando maior profundidade para suas narrativas, atribuindo maior complexidade aos seus personagens e, conseqüentemente, foram ficando mais longos. Entendemos que essas mudanças na forma de fazer história, pequenas alterações que talvez em seu tempo não parecessem diferenciais, foram fundamentais para que o cinema chegasse aos dias de hoje como um aliado no processo de análise e compreensão intercultural. Afinal, com a diversidade de gêneros e enredos a que temos acesso por meio das telas, também cresce nosso contato com a pluralidade cultural existente e a possibilidade de diálogo com o outro.

Ainda, a partir do momento que nos propomos a analisar o cinema, seus diferentes aspectos tornam-se claros e fica evidente como é necessário um trabalho em conjunto que envolva suas características industriais, linguísticas e artísticas para dar vida à magia do cinema. Podemos, então, refletir sobre a magnitude do seu alcance se avançarmos para os dias de hoje e pensarmos nas diferentes formas pelas quais temos acesso aos filmes: televisão, computador, celular. A experiência cinematográfica não é mais, unicamente, vivida da maneira como as grandes empresas do setor tentam vendê-la. Afinal, os dispositivos eletrônicos tornaram-na ainda mais simples e - por que não dizer - também mais barata.

O ponto é que, se entendemos o cinema como uma indústria em crescimento, como um espaço para expressão artística e também de diálogo, e se enxergamos nesses espaços a oportunidade de encontro com o outro e de compreensão das diferenças, precisamos atentar-nos também para o fato de que esse contato promovido pelos filmes pode ser confrontador.

5 A REPRESENTAÇÃO CULTURAL NA CINEMATOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Tendo por base os conceitos previamente estudados, fizemos a análise de três produções cinematográficas. São filmes cujas narrativas destacam-se pela riqueza cultural retratada e que refletem muito bem as nuances do contato intercultural promovido pelo cinema. Isto é, os conflitos e os aprendizados, o preconceito e a aceitação. Vale acrescentar que os filmes escolhidos foram produzidos por diretores de nacionalidades distintas (mexicana, francesa e sueca), e que as histórias retratadas também se passam em países diferentes, o que corrobora ainda mais para explicar as questões das trocas (inter)culturais a que nos propomos neste trabalho.

5.1 Babel

No filme *Babel* (2006), produção do diretor Alejandro González Iñárritu, somos apresentados a quatro núcleos diferentes. Susan e Richard são um casal norte-americano que está de viagem pelo Marrocos quando seu ônibus é atingido por um tiro de rifle. Susan fica machucada no ombro e todos os passageiros entram em pânico pensando serem alvos de algum atentado. Em meio ao caos, Richard luta até o último segundo para conseguir ajuda o mais rápido possível para sua esposa. Para isso, ele precisa lidar com turistas, até então felizes e amorosos, agora bastante impacientes e até egoístas, que querem deixar o local o quanto antes por temerem por suas vidas.

É interessante notar como a paisagem parece mudar completamente diante dos olhos dos visitantes. O que antes era a bela representação do colorido da nossa diversidade, desde que visto de longe, torna-se assustador quando eles se veem como parte do cenário, sem a certeza do seu breve retorno para casa.

Figura 1 - Babel

Fonte: Google imagens

O que apenas o telespectador sabe, no entanto, é que o tiro que acertou o ônibus de viagem não tinha ligação alguma com um atentado. Foi fruto, apenas, da brincadeira de dois irmãos: Yussef e Ahmed, crianças da região, cujo pai tinha acabado de comprar uma arma para proteger suas cabras dos chacais e a havia deixado sob os cuidados dos filhos ao sair de casa.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, os filhos de Susan e Richard estão sob os cuidados de Amélia, a babá mexicana da família que vive ilegalmente no país há anos. Ao ser informada sobre o estado de saúde de sua chefe, ela se entristece, mas sua maior preocupação está relacionada à possibilidade de perder o casamento do seu filho diante deste novo cenário. Após algumas considerações, Amélia decide, mesmo contra a vontade dos seus patrões, atravessar a fronteira com as crianças e voltar para o seu país por alguns dias, o que acaba colocando a vida de todos em perigo.

Por fim, somos levados ao Japão e conhecemos a história de Chieko, uma jovem surda que, apesar de viver seus dias cercada por amigos, é bastante solitária. Descobrimos que ela e o seu pai, um importante empresário, ainda vivenciam o processo de luto pela perda da matriarca da família, e que ambos dificultam muito a evolução da situação, pois tendem a isolar-se um do outro. Eles se ocupam com suas rotinas importantes e se esquecem de dividir as cargas trazidas pela dor da perda.

A verdade é que o isolamento é um ponto em comum entre todas as histórias. O diretor, através das diferentes narrativas que escolheu contar, mostra como a globalização aproximou e também isolou as pessoas umas das outras. Susan e Richard estavam de luto pela perda de um filho e, até serem levados a uma situação de vida ou morte, não tinham conseguido perdoar um ao outro. Amélia também estava isolada de sua família nos Estados Unidos tentando uma vida

melhor. Yussef e Ahmed viviam boa parte dos seus dias sem a presença da figura de um adulto, o que dava-lhes certa abertura para atos irresponsáveis e deixava-lhes à mercê da violência e do preconceito.

Ainda, outro elemento que une as quatro histórias é a ideia da universalidade de alguns sentimentos, independente da origem daqueles que o sentem. Neste caso, especificamente, a dor. Seja a dor física ou a emocional, seja pela perda de uma pessoa querida ou por encontrar-se num estado de saúde fragilizado, por exemplo, situações como essas nos lembram da fragilidade humana e são capazes de nos desestabilizar.

Assim, consideramos que *Babel* é um filme que pode, facilmente, provocar empatia no seu telespectador pela sensibilidade e humanidade das suas histórias. Ele também nos confronta porque faz com que nos questionemos se temos agido ou se agiríamos de maneira semelhante aos personagens. É importante lembrar que Canclini (2009) explicou muito bem o fenômeno da interculturalidade e seu inevitável caminho à confrontação, como é possível ver no filme.

Finalmente, também somos capazes de entender como a nossa percepção do outro pode variar de acordo com a posição da qual o observamos. Este é um ponto chave nessa discussão, pois nos referimos a uma escala que pode variar de admiração a medo. Fica evidente, assim, a importância de se trabalhar o desenvolvimento do nosso alcance intercultural, isto é, nossa capacidade de reconhecer a existência de outros, e que, portanto, produções como essas tendem a ser indispensáveis nesse processo.

5.2 *La lutte des classes*

No filme *Luta de Classes* (2019), conhecemos Paul, um músico profissional, e Sofia, uma advogada de origem árabe. Um casal progressista, liberal e bastante ativo politicamente. Tudo começa quando Sofia e Paul insistem que o seu filho mais novo (Coco) permaneça estudando na escola pública do bairro em que vivem - que é também onde Sofia cresceu -, recusando-se a transferi-lo para uma instituição particular sob as justificativas de que não se renderão ao sistema seletivo e parcial que o governo tenta impor sobre eles.

Quando, no entanto, os colegas de Coco são retirados da escola, eles veem seus ideais serem frequentemente questionados, pois agora seu filho é a única criança “branca” num ambiente cuja maioria é formada por árabes, negros, mulçumanos, romenos, chineses e sérvios. Isso nunca havia sido um problema para o casal; ao contrário, era um dos motivos que os fazia gostar tanto de lá. Afinal, a realidade à que nós somos apresentados é a de que há poucas pessoas tão livres de preconceitos quanto Sofia e Paul.

O problema é que ambos se veem, pela primeira vez, assumindo o papel de uma família, social e economicamente, privilegiada em relação às outras da escola. Esse novo cenário gera conflitos tanto entre os próprios pais de Coco, através das suas falhas tentativas de criarem novos vínculos com os outros pais da escola, quanto para o pequeno Coco, que se vê isolado dos seus colegas de sala de aula por ser considerado o “riquinho” da turma.

Figura 2 - La lutte des classes



Fonte - Google Imagens

É bem verdade que a problemática principal da história chega a ser cômica para o telespectador, apesar de vermos o quão delicada toda a situação é para os personagens. Essa alternância entre humor e drama se mantém ao longo de todo o filme e, por vezes, a produção pode nos parecer um pouco irresponsável na maneira como escolheu dialogar com os temas propostos. Sofia e Paul, ainda, chegam a demonstrar bastante confusão e até agressividade diante de algumas questões que surgem, o que destoa da personalidade inicial dos personagens e, inclusive, coloca o relacionamento deles em risco.

Apesar disso, no fim, é possível enxergá-los um pouco mais maduros. Em sua fala final, o diretor da escola explica a Sofia e a Paul que Coco tem um papel muito importante ali: o de apresentar um outro lado da França àquelas crianças. Cada um deles representa uma parte do todo, mas eles não podem crescer achando que o que existe é apenas a parte que eles veem. Eles precisam aprender a enxergar e respeitar o todo para que saibam conviver pacificamente.

A reflexão final está muito relacionada ao nosso dever de trabalhar pela democracia multicultural. Tal conceito nos remete à importância de entender nossos papéis na sociedade atual não apenas como homens e mulheres, mas também como cidadãos críticos politicamente, que se preocupam com o formato que as suas relações têm assumido. (CULTURE ET DÉMOCRATIE, 2005; RAMOS, 2001)

Luta de Classes é, portanto, mais um filme que permite ao telespectador conhecer as particularidades de uma outra cultura. Através dele, podemos entender um pouco mais sobre a diversidade cultural na França e como isso atinge a vida cotidiana dos seus habitantes. Assistimos aos conflitos e às tentativas de reconciliação tanto entre os adultos quanto entre as próprias crianças nos primeiros anos do ensino escolar, e isso pode nos levar a diversas reflexões, mas aqui nos detemos a pensar sobre como o ambiente educacional tende a ser intercultural em sua essência.

O ponto é que escolas, universidades ou qualquer espaço de ensino-aprendizagem são locais muito propícios para o encontro e para a interação entre pessoas de diferentes origens. São ambientes onde é possível desenvolver nas crianças, desde muito cedo, a consciência sobre o outro e sobre o diferente. O filme nos lembra desse papel desempenhado pela educação e nos mostra como o cinema e a sala de aula podem ser uma excelente dupla, visto que ao trabalhar a interculturalidade através das produções audiovisuais, podemos conectar os alunos, ainda dentro de uma sala, ao mundo exterior.

5.3 *The Hundred-Foot Journey*

A 100 Passos de Um Sonho (2014) conta a história da família indiana Kadam, que perdeu todos os seus bens após protestos políticos provocarem um incêndio em seu restaurante. Na ocasião, a matriarca da família acaba morrendo e todos se veem bastante abalados. Eles decidem, então, mudar-se para Europa, em busca de um recomeço. Após um certo tempo tentando adaptar-se à Inglaterra, mas sem obter sucesso, eles pegam a estrada mais uma vez e partem em busca de um novo local para morar e reconstruir o negócio da família.

A história finalmente começa quando um imprevisto técnico com o carro acaba obrigando-os a fazer uma parada numa pequena cidade no interior da França. Eles logo recebem ajuda da moradora local Marguerite, por quem todos ficam encantados e com quem logo descobrem ter o amor pela cozinha em comum. Através do acolhimento e da refeição deliciosa com que ela os recebe em sua casa, a família Kadam parece conseguir enxergar, pela primeira vez, beleza e sabor numa cultura tão distinta da sua.

Diante dos recentes acontecimentos, o patriarca da família (Papa) entende tudo como um sinal para que eles permaneçam no local, e após certa resistência dos seus filhos, consegue convencê-los a ficar. O próximo passo, então, seria encontrar um espaço adequado onde eles pudessem reabrir o restaurante da família. E, bem, disso o destino também acaba se encarregando, mas sem deixar de fazê-lo com uma certa pitada de humor e outra de drama.

O grande dilema da história se deve ao fato de o local “perfeito” ficar em frente ao restaurante da Sra. Mallory. Estabelecimento esse que é reconhecido internacionalmente, detentor de uma estrela *Michelin*² e extremamente devoto à culinária francesa. E que, portanto, acabou sendo responsável por fechar vários outros restaurantes que tentaram se consolidar nas proximidades.

Figura 3 - The hundred-foot journey



Fonte - Google imagens

Neste cenário, torna-se compreensível a apreensão dos filhos do Sr. Kadam, sobretudo com relação à aceitação da culinária indiana num país cujos pratos são marcados pela sutileza do sabor. Apesar disso, o patriarca da família tem muita convicção no futuro de sucesso do Maison Mumbai - nome escolhido para o estabelecimento. Ele acredita no talento de Hassan, seu filho mais velho, e é muito firme em sua decisão de investir, mais uma vez, no ramo gastronômico. Até mesmo as diferenças gastronômicas entre os países não o intimidam, pois ele está certo de que essa resistência do público será apenas momentânea.

Hassan, por sua vez, aprendeu a cozinhar ainda muito cedo com sua mãe. Agora, ele se vê à frente do Maison Mumbai e em meio a constantes conflitos com a concorrência. Todavia, o jovem cozinheiro lida com a situação de uma maneira bastante perspicaz. Ao contrário do que vemos nas interações entre a Sra. Mallory e o Sr. Kadam, Hassan parece usar a comida para tentar construir seus novos relacionamentos. Ao longo do filme, não vemos o personagem impondo os pratos típicos do seu país de origem, mas se interessando pela culinária francesa e buscando por uma harmonização entre as duas.

² As Estrelas MICHELIN representam a mais alta distinção atribuída pelos inspetores e inspetoras aos restaurantes da sua seleção do Guia, identificando os restaurantes que oferecem as melhores experiências gastronômicas. No início era apenas uma, depois, entre 1931 e 1933, o sistema foi alargado e foram implementados os três níveis de Estrelas. MICHELIN GUIDE. **Site do Michelin Guide**, 2023. Saiba mais sobre o guia Michelin. Disponível em: https://guide.michelin.com/br/pt_BR/about-us. Acesso em: 01 out. 2023.

Inclusive, mais de uma vez, Hassan levou alguns dos seus pratos até a Sra. Mallory para que ela os provasse, e apesar dela não recebê-lo bem, fica evidente que o contato gerou alguma evolução no relacionamento. Da mesma forma, em suas tentativas de aproximar-se de Marguerite, ele se interessa em ler alguns dos seus livros sobre a culinária francesa e, mais à frente, prepara para degustação de ambos, os famosos molhos franceses.

Certamente que todo esforço de Hassan para se encaixar um pouco melhor na cultura anfitriã é proveniente de um conjunto de fatores. Se pensarmos em seu trajeto até aqui, concluiremos que há, de fato, uma busca por desenvolvimento profissional e aprovação dos que são mais experientes, mas há, sobretudo, o desejo genuíno por sobrevivência. Numa cena, por exemplo, em que o seu irmão mais novo questiona o uso do vinho em um prato típico indiano, Hassan responde: “Para sobreviver aqui, precisamos nos adaptar”.

A 100 passos de um sonho foi escolhido para entrar nesta pesquisa por duas razões: a primeira delas se deve ao fato de o filme tratar sobre o processo de uma família em busca do seu novo lar e os percalços da adaptação em um país com uma cultura tão distinta. Ele mostra grupos de diferentes origens que, através da gastronomia, tentam se entender e dialogar. Por outro lado, a produção também apresenta os personagens, por vezes, sob um olhar limitante, reduzindo-os a determinadas características sociais e levando o filme a cenários clichês. Esse último fato nos ensina que, apesar do rico contato cultural proporcionado pelo cinema, ele também está suscetível à incongruências e, como audiência, é importante que estejamos atentos a isto. De toda forma, com o filme, é possível ter uma noção acerca das culturas indianas e francesas.

Por fim, através das produções analisadas, pudemos entender um pouco mais sobre os fenômenos de aproximação e de isolamento que são vivenciados em algumas culturas, assim como o papel da educação no processo de aceitação das diferenças e, ainda, sobre a trajetória de adaptação daqueles que precisaram deixar a sua cultura de origem, buscando por melhores condições de vida. Essas são apenas algumas das questões que podem ser trabalhadas e exploradas dentro dos longas-metragens, o que revela o potencial do cinema para disseminar o conhecimento acerca de outras realidades, assim como para levantar discussões e reflexões necessárias dentro da nossa sociedade.

É bem verdade que a experiência cinematográfica depende, em grande parte, do quanto o telespectador está disposto a conhecer o outro e a se conhecer nesse processo. Entretanto, entendemos que, com frequência, a sala de cinema se configura como um espaço bastante propício para os encontros interculturais, visto que ela oferece a sua audiência um determinado

caminho para chegar a outros lugares e a outras pessoas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais empática e sensível ao próximo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, nosso objetivo foi o de nos aprofundarmos no universo cinematográfico partindo de uma perspectiva intercultural. Analisamos algumas produções com o intuito de entender o cinema não apenas como uma fonte de lazer momentâneo, mas também como um facilitador comunicacional entre grupos de origens distintas. Para tanto, buscamos trazer informações que esclarecessem o fenômeno da globalização, levando em consideração sua ligação direta com os sistemas de comunicação e com o crescimento das influências midiáticas sobre os indivíduos. Pudemos entender que, devido a esse conjunto de processos aos quais a nossa sociedade foi submetida, o formato das nossas interações sofreu alterações ao longo do tempo, e o cinema foi uma indústria que se desenvolveu muito bem nesse contexto porque, através da sua arte e da sua forma de se comunicar, tornou-se promotora das trocas interculturais.

Nós também adentramos no conceito de interculturalidade a partir da visão de Canclini (2009), e buscamos entender suas implicações nessas interações. Aprendemos que esse conceito abarca as inúmeras trocas vivenciadas no dia a dia da nossa sociedade, e que a cultura é a sua principal substância. Entendemos, ainda, que a noção de interculturalidade pode ser trabalhada como um espaço dinâmico tanto para essas interações, quanto para os conflitos que a partir delas se originam, e que quanto mais nos relacionamos com o outro, mais interculturais nos tornamos.

A partir desse ponto, foi a vez de refletirmos sobre a diversidade cultural e os diferentes formatos e níveis das interações em nossa sociedade, pois justamente com esse intuito foi que ressaltamos a diferença entre as noções de interculturalidade e multiculturalidade. Ainda, ao decidir trazer o cinema para nossa análise, não o víamos apenas uma tela contadora de histórias, mas um caminho de acesso a inúmeras realidades e que nos permitiria entender, de maneira mais clara, sobre as nuances do contato intercultural.

Finalmente, ao adentrarmos na história do cinema, vimos que o seu início esteve ligado às tentativas de projeção da imagem em movimento, e a nomes como o dos irmãos Lumière. As primeiras exhibições aconteciam nos teatros de variedades, mas, posteriormente, à medida que a atividade foi ganhando mais adeptos, também foi assumindo uma configuração mais industrial. Com o tempo, os filmes foram mudando tanto em termos de duração quanto de

conteúdo, o que corroborou para que o cinema se aproximasse da sua audiência através das histórias contadas.

Por fim, ao partir para uma etapa mais prática no nosso trabalho, trouxemos a análise de três produções cinematográficas tomando como base os tópicos introdutórios sobre globalização, interculturalidade e cinema, que foram desenvolvidos nas seções anteriores. Nosso intuito foi mostrar, a partir de alguns exemplos, como é possível suscitar profundas reflexões sobre uma outra cultura, e até mesmo sobre a nossa, a partir das histórias retratadas em um filme. Não somente isso, mas também foi possível entender o comportamento de alguns espaços da sociedade diante das situações de conflito provocadas pelo contato intercultural.

Com o estudo realizado, chegamos à conclusão de que o cinema pode ser considerado um instrumento de muito valor social, além de educacional, para a análise e a observação intergrupar. Enquanto arte e linguagem, o cinema tem se mostrado capaz de promover uma comunicação bastante singular com o seu público, podendo levá-lo a desenvolver uma melhor compreensão das diferenças culturais. Por fim, tomando que este artigo se direciona, sobretudo, aos graduandos em LEA-NI, pensamos que os apontamentos aqui feitos podem lhes ser extremamente úteis, uma vez que somos preparados para atuar em contextos de diversidade cultural, estabelecendo diálogos com respeito e empatia.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFAYA, Mohammed Nour Eddine. La communication de l'interculturel entre le réel et le virtuel. **Revista Afers Internacionais**, n. 43-44, p. 217-241, 1999.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRAGA, Maria Helena; COSTA, Vaz da. O cinema, a cidade e a questão pós-moderna. In: **SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE**, 2005, Londrina.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 3º edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

COSTA, Raquel Pitz Da. **O Cinema e audiovisual como agente potencializador do conhecimento**: a interculturalidade promovida pela sétima arte como ferramenta de aprendizado de novos idiomas. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual). Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2020.

CORNELSEN, Elcio. Interculturalidade no cinema alemão. **Revista Baleia na Rede**, Ano 6, vol. 1, n. 6, Dez/2009.

ELHAJJI, Mohammed. Comunicação intercultural: apontamentos analíticos. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 4, 2005.

- GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. 6ª edição. Lisboa: Presença, 2006.
- GILSON, Julie. Cinéma et dialogue interculturel. **Revista Culture et Démocratie**. p. 1-90, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.
- LINTON, Ralph. **The Cultural Background of Personality**. 6ª edição. London: Kegan Paul. p. 102.
- MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006.
- MIRANDA, Carlos. **Globalização e diversidade cultural na atividade cinematográfica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015.
- ODERICH, Cecília Leão; BALDI, Mariana. A força do cinema para a massificação ou para a promoção da diversidade cultural. **Revista Relacult**, v. 3, n. 501, ed. especial, dez/ 2017.
- PARENTE, André; CARVALHO, Victa de. Entre cinema e arte contemporânea. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 27-40, jun. 2009.
- RAMOS, Natália. Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. **Revista portuguesa de pedagogia**. Ano 35, nº2, p. 155-178, 2001.
- SOUSA, Maria de Nazaré Cavalcante de. Traços de interculturalidade na ficção televisiva. *In: XIII ENCONTRO DA ABRALIC*, 2012, Campina Grande.
- STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. São Paulo: Papirus, 2003.
- TEDESCO, Marina Cavalcanti. Interculturalidade e cinema: as interações turco-alemãs na obra de Fatih Akin. **Revista Esfera**. Rio de Janeiro, Ano 2, v. 1, n. 3, Jan-Jun/2009.
- VENTURA, Alana Oliveira da Cruz; ALMEIDA, Risonete Lima de. Produção de sinopse de filmes: em cena a compreensão intercultural do cinema. **Revista Babel**, n. 14, ago-dez/2018
- WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Revista Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018

8 REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

- A 100 passos de um sonho. Direção: Lasse Hallström. Produção: Steven Spielberg. Intérprete: Helen Mirren, Om Puri, Manish Dayal. Roteiro: Steven Knight. Fotografia de Linus Sandgren. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2014. YouTube Filmes.
- BABEL. Direção: Alejandro González Iñárritu. Produção: Steve Golin, Jon Kilik. Intérprete: Brad Pitt, Cate Blanchett. Roteiro: Guillermo Arriaga. Fotografia de Rodrigo Prieto. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2006. YouTube Filmes.

LUTA de classes. Direção: Michel Leclerc. Produção: Intérprete: Leïla Bekhti, Edouard Baer, Ramzy Bedia. Roteiro: Michel Leclerc, Baya Kasmi. Fotografia de Alexis Kavyrchine. França: France 2 Cinéma, 2018. Amazon Prime Video.